

INFOSLOF

Nº 03 | Ano I

ÍNDICE

EDITORIAL
01

AGENDA
02

PRIMEIRAS
JORNADAS DE
CARTÉIS
03

ARGUMENTOS
05

ENTREVISTANTOS
08



EDITORIAL

Caros leitores, mais um boletim da Seção Leste-Oeste (em formação) se apresenta. Diante dos desafios que a pandemia nos coloca, acrescidos pelas crises política e sanitária no Brasil, estamos inventando maneiras de seguirmos com nossa formação psicanalítica.

As atividades das Terças-feiras da SLOf continuam em modo remoto, e vêm reunindo a comunidade do nosso entorno de forma entusiasmada.

As resenhas das atividades podem ser acessadas no site da EBP.

Nesse boletim vocês encontrarão a programação do mês de setembro, assim como argumentos para nossas primeiras Jornadas que ocorrerão também em modo remoto, via plataforma Zoom, nos dias 09 e 10 de outubro de 2020.

Elisa Alvarenga, presidente do Conselho da SLOf, nos traz várias referências ao longo do percurso de Lacan em torno do tema.

Ordália Junqueira, Diretora Secretária-Tesoureira da SLOf e Coordenadora Geral das Jornadas, nos instiga ao trabalho! Além de orientações epistêmicas, o texto nos esclarece sobre o funcionamento, inscrição e envio de trabalhos.

Em seguida, vocês encontrarão seis perguntas dirigidas aos membros da SLOf, enviadas pela diretoria, no intuito de fazer circular momentos cruciais da formação desses analistas, estreando o ENTREVISTANTOS.

Boa leitura!
Rômulo Ferreira da Silva
Diretor Geral da SLOf



Quem somos

Diretor Geral:

Rômulo Ferreira da Silva

Diretora Secretária-Tesoureira:

Ordália Alves Junqueira

Diretor de Intercâmbio e

Cartéis:

Ary Farias

Diretora de Biblioteca:

Bartyra Ribeiro de Castro

Conselho da SLOf

Elisa Alvarenga (Presidente)
Renato Carlos Vieira (Secretário)
Cristiano Alves Pimenta
Fábio Paes Barreto
Geraldo Alberto Viana Murta.
Tania Regina Anchite Martins

Comissão de Publicação

Denizye Zacharias
Lucas Fraga Gomes
Ricardo Rezende

.....
A imagem de capa é da cidade de Goiás, Patrimônio Histórico e Cultural Mundial (UNESCO/2001).

AGENDA - Setembro/2020

• Atividades das terças-feiras (20h00):

Dia 01

Não haverá atividade da SLOf

Dia 08

Noite de Cartéis

Coordenação: Ary Farias - EBP/AMP

Apresentação: Carla Serles - EBP/AMP (mais um)

Dia 15

“O lugar e o laço”

Seminário de Orientação Lacaniana

Apresentação: Tânia Regina A. Martins - EBP/AMP

Coordenação: Fábio Paes Barreto - EBP/AMP

Dia 22

“Entre sonho e despertar..., um acontecimento”

Atividade Preparatória ao Congresso da AMP

Apresentação: Lucíola Macêdo - EBP/AMP

Coordenação: Elisa Alvarenga - EBP/AMP

Dia 29

Atividades preparatórias para as Primeiras Jornadas da SLOf

Apresentação: Carla Serles - EBP/AMP

Comissão Científica das Jornadas

Coordenação: Ordália Junqueira - EBP/AMP

•Seminários ao próprio risco:

Dias 10 e 24 – às 20h

“A clínica das amarrações e o Laço entre nós” -

Seminário Clínico

on-line (DF e GO)

Responsável: Ordália Alves Junqueira - EBP/AMP

Dia 18 – às 20h

“A clínica psicanalítica” - Seminário Clínico

on-line (GO)

Responsável: Denizye Zacharias - EBP/AMP

Os demais seminários estão suspensos por tempo indeterminado por conta das restrições sanitárias vigentes.

* Todas as atividades estão no horário de Brasília.



DIRETOR GERAL: ROMULO FERREIRA DA SILVA (SP)
COORDENAÇÃO GERAL: ORDÁLIA ALVES JUNQUEIRA (GO)
CONVIDADO ESPECIAL: ROMILDO DO REGO BARROS (RJ)

1-COMISSÃO CIENTÍFICA:

ELISA ALVARENGA (Coordenadora)
Carla Serles (MS); Denizye Zacharias (GO); Ruskaya R. Maia (GO).

2-COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO- BOLETIM SLOf:

BARTYRA RIBEIRO DE CASTRO (Coordenadora)
Denizye Zacharias (GO); Lucas F. Gomes (ES); Ricardo Rezende (MS).

3- COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO

JAQUELINE MOREIRA (Coordenadora)
Angélica F. Santini (DF); Gabriel B. Caixeta (DF); Glaucia F.V. Nascimento (ES); Juliana Prado (Aps); Luciana Pedron (DF); Luiz Carlos Brandão (GO).

4- COMISSÃO DE LIVRARIA

CARLA SERLES (Coordenadora)

Olenice A. Gonçalves (ES); Fernanda Pires (MS); Gize de Bessa (MS); Helen Guerra (MS).

5- ASSESSORIA TÉCNICA E INFRAESTRUTURA (APOIO VIRTUAL)

BRUNO SENNA (EBP)

COMISSÃO *ad hoc* Redes-SLOf:

CRISTINA A. B. SANTOS (Coordenadora)

Amanda Vargas (MS); Daniel Rancan (DF); Gabriela Malvezzi (SP).

6- SECRETARIA E TESOUREIRA

ORDÁLIA A. JUNQUEIRA (Coordenadora)

Ana Paula Fernandes (GO).

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ DIA 05/10/2020

VALORES:

MEMBROS EBP: R\$160,00

ADERENTES E PROFISSIONAIS: R\$130,00

ESTUDANTES de GRADUAÇÃO: R\$ 75,00 (comprovante de matrícula)

Enviar comprovante de depósito para e-mail: secao.slof.ebp@gmail.com

DADOS P/ DEPÓSITO

Banco Bradesco:237

Agência: 0136

Conta Corrente: 6090-9

ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

CNPJ: 03 688 674/0001-19

ENVIO DE TRABALHOS: até dia 07 de setembro:

(CONDIÇÃO para envio: já estar inscrito nas Jornadas)

INSTRUÇÕES da Comissão Científica:

TAMANHO: Até 6.000 caracteres, incluindo espaços e notas de rodapé.

CONFIGURAÇÃO: Times New Roman corpo 12, com espaço entrelinhas 1,5.

O texto deverá ser enviado para o seguinte e-mail:

elisalvarenga@gmail.com c/ cópia p/ psico.rdom@terra.com.br

OBS: Os trabalhos deverão ser advindos de Cartéis, (seja sobre o tema proposto, seja sobre outros temas que estejam trabalhando em seu Cartel).

ARGUMENTOS

Inconsciente, sintoma e formação do analista

Elisa Alvarenga

Coordenadora da Comissão Científica das 1as JORNADAS SLOf-EBP-AMP

Lacan sempre se preocupou com a formação dos analistas e o ensino da psicanálise. Em 1957 escreveu “A psicanálise e seu ensino” [1], onde já se perguntava: o que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?

Vinte anos depois, em “Transferência para Saint Denis” [2], Lacan pergunta: como ensinar o que não se ensina? Não se ensina universalmente, mas um por um, de maneira contingente, esclarece Miller em “Todo mundo é louco” [3].

Ensinar um por um nos faz pensar no que se transmite em uma supervisão, caso a caso. Se nos anos 50 Lacan falava da supervisão como subjetividade secundária [4], para indicar que o supervisor não tem acesso à realidade do paciente, mas apenas às suas falas transmitidas pelo praticante, ele mostra como o inconsciente é estruturado como linguagem.

Já em uma referência à supervisão em 1975, no Seminário 23 [5], Lacan fala do inconsciente como equívoco, e na intervenção do supervisor que pode ressoar sobre o sintoma do praticante.

Como passamos do inconsciente estruturado como linguagem, na cadeia significativa, ao inconsciente do último ensino de Lacan, que desaparece tão logo se preste atenção nele (o esp de um laps) [6]?

Se o analista faz parte do conceito de inconsciente [7] e sua presença está destinada a fazê-lo surgir [8], de maneira contingente, perturbando a homeostase da fantasia, podemos rastrear as mudanças através das quais o analista e o inconsciente se presentificam em uma análise.

Na Proposição de 9 de outubro, Lacan apresenta o matema do sujeito suposto saber, onde a presença do analista põe a trabalho a cadeia significativa através do discurso do sujeito. Mas, latente a essa cadeia, desenvolvida na fala do analisante, há o referente que é o objeto a [9], depositado no analista pelo sujeito. Mais do que a suposição de saber, o analista encarna esse objeto libidinal que o sujeito coloca nele para fazer existir o Outro da transferência. O final da análise implica uma certa extração desse objeto do Outro e a recuperação desse objeto como causa do desejo, que o analista produto de uma análise encarnará para seus analisantes.

No entanto, o analista produto não é apenas causa de desejo. Ele é também identificado ao seu sintoma, ou a seus restos sintomáticos, restos de gozo que podem perturba-lo em seu ato. Por isso a supervisão continua valendo, mesmo depois de terminada a análise. Assim entendemos a afirmação de Lacan de que a interpretação pelo equívoco pode liberar algo do sintoma [10]

1 Lacan, J. A psicanálise e seu ensino, *Escritos*. RJ, Zahar, 1998, p. 438-9.

2 Lacan, J. Transferência para Saint Denis (22.10.1978), *Correio 65*. SP, EBP, 2010, p. 31.

3 Miller, J.-A. *Todo mundo es loco*. Bs. As., Paidós, 2015, p. 337-9.

4 Lacan, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, *Escritos, op. cit.*, p. 254.

5 Lacan, J. *O sintoma*. RJ, Zahar, 2007, p. 18.

6 Lacan, J. Introdução à edição inglesa do Seminário 11, *Outros Escritos*. RJ, Zahar, 2003, p. 567.

7 Lacan, J. Posição do inconsciente, *Escritos, op. cit.*, p. 848.

8 Lacan, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. RJ, Zahar, 1985, p. 121.

9 Lacan, J. Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola, *Outros Escritos, op. cit.*, p. 253-4.

10 Lacan, J. *O sintoma, op. cit.*, p. 18.

Formação do analista, uma imersão, um caminho

Ordália Alves Junqueira

Coordenadora Geral das 1as JORNADAS SLOf-EBP-AMP

No *Ato de fundação* (da EFP), Lacan (1964) faz a pergunta central da Escola: *O que é um analista?* E se interroga sobre *Como se formam os analistas*. [1] Miller (2001) sugere que nos perguntemos sobre o fato: *quando se trata de psicanálise, existe um certo desconforto quanto ao uso da palavra "formação"* sendo que, na *formação* psicanalítica, trata-se de conseguir um operador que permita dirigir um tratamento analítico, enlaçando aqui uma questão: *como preparar operadores adequados para esta operação?* [2]

Desde Freud, já se sabe que não há psicanalista nato; não se é analista por natureza, por "dom". *O psicanalista é o resultado de sua análise*, sendo que ninguém havia expressado isso nesses termos antes de Lacan. A questão que se coloca é: *haverá outro conhecimento, distinto do conhecimento próprio para avaliar a formação? E se existe, qual seria? Como podemos estruturar isso? Como podemos avaliar isso?* Se não há uma didática da formação - a mesma é determinada por uma **política** - ao mesmo tempo, segundo Miller (2001), Lacan mantém requisitos de conhecimento muito elevados para o analista.

Lacan enfatiza em todos os seus escritos a necessidade de uma *doutrina de formação* que se delineia em termos do que se *deve saber*, sendo que, em cada texto, dá uma inflexão precisa a este *programa de formação*. Entretanto, Miller (2001) ressalta que Lacan nunca estabelece uma formação por meio de cursos, pois ele pensava em uma formação por *imersão*, ou seja, uma formação em que o sujeito está imerso em um ambiente de saber que o convidaria a nadar, a inventar seu próprio caminho em um ambiente epistêmico.[3]

Na última parte do texto *Variantes do tratamento padrão* [4], quando diz que o que o psicanalista deve saber é ignorar o que ele sabe, Lacan (1955) reserva para o analista o lugar da "douta ignorância", que é uma forma de colocar o conhecimento em posição de suposição. No mesmo texto, com um rigor ético, Lacan (1955) ilumina, também, o outro lado da formação afirmando que: "toda análise didática tem a obrigação de analisar os motivos que fizeram o candidato escolher a carreira de analista", dando um destaque à **paixão**, que "deve dar sentido a toda *formação analítica*." [5]

Cabe ressaltar que o caminho para uma *formação analítica* é longo, cheio de impasses, de surpresas, de mudanças de posição e que, durante o percurso, além da *análise pessoal*, vários momentos podem funcionar como "efeitos de formação", no caso a caso, na singularidade: no encontro com um texto (de Freud ou Lacan); em uma experiência de *cartel*, de *supervisão* ou em uma escuta de depoimento de *passe*; talvez em uma participação em mesas de trabalho em Jornadas/Encontros ou de transmissão em seminários, como também na experiência em ocupar um cargo "burocrático" em alguma instância da Escola.

Resumidamente, pode-se dizer que **o lócus da formação analítica é a ESCOLA** que dispõe de seus vários **dispositivos**, a saber: os *Cartéis*; o *Ensino*, a *Biblioteca*, *suas publicações*, o *Instituto*; e do procedimento original do **Passe**, criado por Lacan, instância de garantia de formação *para recolher o valor didático de uma análise*.

No sentido mais clássico, sabe-se que a formação analítica inclui a **tríade**: *análise pessoal*, *supervisão* e *ensino* sendo que, no *Ato de fundação*, em 1964, Lacan precisa que a *formação do analista* também está articulada ao trabalho de *cartel*: "Esse objetivo de trabalho é indissociável de uma formação..."[6]

Assim, seguindo esse trilho lacaniano, os textos a serem apresentados nas mesas de trabalho das 1as JORNADAS SLOf-EBP-AMP - que acontecerão em 9/10 de outubro/2020, cujo tema será: **Como se forma um analista**- deverão advir dos *cartéis*.

As 1as JORNADAS da Seção Leste-Oeste (em formação) contarão com a presença do ilustre convidado Romildo do Rêgo Barros (AME-EBP/AMP), que proferirá duas Conferências: uma de abertura e outra de encerramento.

A Coordenação e a Comissão Científica das Jornadas, juntamente com a Diretoria da SLOf, aguardam que se sintam imersos nesse ambiente de saber e de *formação analítica*. Convidamos e convocamos *a todos a nadarem nestas águas e a inventarem seu próprio caminho de formação*, na **paixão** que o cartel os tem conduzido, ao saber e à produção. Manoel de Barros, em algum lugar de sua vasta obra “letral”, poetiza: *deveríamos dar espaço ao tipo de saber que tem força de fonte...*

[1] LACAN, J. [1964/2003] *Ato de fundação. Outros Escritos*. RJ: Zahar, 2003, p. 235.

[2] MILLER [2001]. Título traduzido como: *El desbroce de la formacion analitica . Introduccion a la Clinica Lacaniana, Conferencias en Espana, RBA*, Barcelona, 2006, p. 527-541. Em francês: *Le Débroussaillage de la formation analytique*. In: **L'École de la Cause freudienne | « La Cause freudienne »** 2008/1 N° 68 | pages 120 a 129.

<https://www.cairn.info/revue-la-cause-freudienne-2008-1-page-120.htm>

[3] Ibid.

[4] LACAN, J. [1955/1998] *Variantes do tratamento-padrão. Escritos*. RJ: Zahar, 1998.

[5] op. Cit. Pág. 360.

[6] LACAN, J. [1964/2003] *Ato de fundação*. Op. cit.

ENTREVISTANTOS

ENTREVISTANTOS é uma nova rubrica do nosso Boletim INFOSLOf e visa a estreitar o *affectio societatis* entre os 12 Membros da EBP em nossa Seção, além de, posteriormente, apresentar alguns outros Membros da EBP em momentos um pouco lúdicos e bastante pessoais e informais.

Para a estreia de *ENTREVISTANTOS*, a Diretoria da SLOf formulou algumas questões que foram sorteadas entre os Membros, que tocam alguns elementos e passagens fundamentais à nossa formação como psicanalistas.

Seguem abaixo, as primeiras seis respostas.

As demais, no próximo INFOSLOf.

Confiram!

- ***ENTREVISTANTOS: Você pode localizar uma experiência de Cartel que tenha efetivamente feito a função de "Porta de entrada" para Escola de Lacan, no que concerne à sua formação analítica? Você já era membro de Escola nessa ocasião?***

RUSKAYA MAIA Sim, localizo! O primeiro cartel a gente nunca esquece! Já estava havia mais ou menos dois anos em São Paulo frequentando o curso do Instituto. Era ainda apenas uma aluna que assistia às aulas e aos seminários, quando uma colega me convidou para participar de um cartel. Meio sem saber do que se tratava, aceitei, e fomos estudar os matemas de Lacan, tendo Maria Cecília Galletti Ferretti como mais-um. O Cartel chegou a seu termo e escrevi meu primeiro trabalho, que foi apresentado numa Jornada. Foi uma experiência muito importante sobretudo pelo fato de ter de assumir um papel muito ativo na busca de uma questão (acho que foi a parte mais difícil) e depois de ‘respondê-la’. A possibilidade de apresentar o trabalho numa Jornada foi muito significativa, porque, apesar de ser a primeira vez que tomava esse lugar, fiquei muito à vontade, estando ancorada numa pesquisa de dois anos. De certa forma, aquela produção resultava de uma conversação de dois anos. Penso que o mais interesse do cartel é essa dobradiça entre o percurso de cada um e a pesquisa de todos. A responsabilidade pela manutenção do cartel, que implica o sujeito, e o não receber do mais-um o lugar confortável de discípulo, mas ganhar algumas respostas que encorajam e norteiam o trabalho é fundamental.

- **ENTREVISTANTOS: Na prática dos testemunhos de Passe que a EBP e a AMP promovem em seus Encontros e Congressos, há um em especial, que considera ter feito diferença em sua formação, seja do ponto de vista da análise pessoal, da supervisão ou do estudo teórico? Você pode precisar tal evento?**

DENIZYE ALEKSANDRA ZACHARIAS Participar dos Encontros e Congressos da EBP e da AMP é sempre uma experiência de satisfação. Seja pela viagem que nos retira da monotonia da vida, seja no encontro com analistas de várias partes do mundo – o qual permite fazer o UM da Escola.

Para responder à pergunta, não foi difícil encontrar o evento que fez a diferença: aconteceu no VII ENAPOL, em 2015: O Império das Imagens, em São Paulo. Como fazia parte da comissão de mídias digitais, Maria Bernadette, a coordenadora, solicitou que eu fizesse uma resenha da Mesa do Passe II. Luís Fernando Carrijo e Kuky Mildiner estavam na mesa para a transmissão de seus passes, e Bassols comentou. Diante da solicitação, agarrei a responsabilidade com satisfação; não sem um pouco de angústia, é claro.

Diante do desafio, destaco efeitos de formação para a minha análise e para o epistêmico. Escutei atentamente o passe de Kuky e fiz a transcrição, entretanto, teve uma frase no final que ressoou. Cito: “*Yo no era la palabra del Otro detrás de la que escondía. Estaba en mi lugar... Enfin, la contingencia es, a veces sí, a veces no*”. É possível libertar-se do Outro e viver na contingência? É no passo a passo da sessão, com uma imensa dificuldade de falar, que surge o *matema* da estrutura masoquista da pulsão. Um alívio, afinal, um final de análise é ter no horizonte a possibilidade de se tornar um artesão diante das embrulhadas do real. Sigo analisante!

Quanto à resenha, realizei a tarefa e ela foi publicada na Carta São Paulo III Nova série ano V 5/11/15, daí comecei a traçar um caminho de formiguinha decidido em direção à Escola.

CARLA SERLES Das clareiras do Caso S.

Com o testemunho de Sandra Grostein arrisco-me a dizer que algo se escreve em mim. O espanto produzido pela conjugação transferencial que ela fora capaz de forjar (transferência negativa com o primeiro analista e positiva com a psicanálise durante dez anos), fez sulcos em meus saberes acostumados, assim, pude escutar suas contra-notas, causas de “*trans-formação*” - termo usado por J.A. Miller no texto “Para introduzir o efeito-de-formação”, *Correio*, 37.

Do que é da ordem do dizível, posso designar esclarecimentos e delinear alguns recortes.

A singeleza aguda de sua formulação sinthomática: “ter a permissão de errar e a autorização de acertar”, acentuara-me o ineditismo e demonstrara o despojamento das defesas fálicas contra o real que sustentavam sua falta-a-ser. Des-sustentada desses semblantes o des-ser pôde advir para que se encarregasse, si própria, do Caso S, dando à luz a sua existência.

Da letra, que sendo travessia, engendra o desfecho, entrevejo o refinamento de uma invenção: desvanecimento de minhas crenças sobre o absolutismo do que demarcaria o fim. Ao reverso, Um final, tempo-espaço litoral ao gozo feminino, antes inconfundível para esse falasser. Apreendo o singular do gozar-se de um corpo como satisfação e a multiplicidade, quiçá, paradoxal, de fazer existir *uma* mulher.

Assim, restam-me as ressonâncias de um transcurso do amor pelo todo à tessitura do não-todo feminino.

- **ENTREVISTANTOS: Conte-nos uma passagem em sua experiência como supervisionanda na qual tenha ocorrido mudança em sua posição de analista em formação. Ou seja, uma passagem da supervisão do caso para a supervisão (controle) do ato analítico.**

TANIA REGINA ANCHITE MARTINS Receber esta pergunta ocorreu-me uma experiência decisiva em minha posição como analista praticante na psicanálise com as crianças. Foi em uma primeira supervisão com um analista do Campo Freudiano, anterior ainda à Fundação da EBP. Foi tão impactante o efeito que um questionamento tão simples teve para mim, que alguns meses depois demandei análise com este analista.

Eu falava de um caso de um paciente de 9 anos, o qual se angustiava muito com as situações lúdicas em que perdia. Eu relatava então, que na sessão jogávamos um jogo de damas, e falava da posição que esta criança assumia no jogo.

Ele me interrompeu e me colocou a seguinte questão?

“O que faz um jogo de damas no consultório de um psicanalista?”

Surpresa, argumentei com o sintoma que trouxe este paciente para análise, e quanto mais eu falava, mais se evidenciavam os aspectos imaginários da transferência, e um saber prévio que recobre aquilo que pode fazer falar. Quando o analista oferece um jogo estruturado, ou espera o paciente com um saber antecipado em relação ao que poderia acontecer, não implica o sujeito em se responsabilizar pela questão que seu sofrimento denuncia.

Posso até dizer que esta questão curta e radical teve para mim um efeito de mudança de paradigma na psicanálise com uma criança: tomar a criança no dispositivo analítico como aquele que decide como vai se virar para falar do que a agita.

- **ENTREVISTANTOS: Tendo ocupado um cargo nas instâncias da EBP, é possível destacar um episódio que modificou sua relação com a causa analítica? Conte-nos!**

RENATO CARLOS VIEIRA Um detalhe me impede de responder à questão proposta e endereçada a mim pela Diretoria da Seção Leste – Oeste em formação. Em minha trajetória analítica, nunca ocupei cargo nas instâncias da Escola Brasileira de Psicanálise, leia-se, Diretoria e Conselho.

Logo, só posso relatar algo que marcou minha relação com a causa analítica a partir de minha própria experiência.

Assim sendo, reporto-me ao ano de 1993. Mais precisamente ao período de 03 a 07 de setembro de 1993 quando, em Belo Horizonte – MG, aconteceu o IV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano.

Nesse evento, tratou-se da lógica na direção do tratamento analítico e da “decalage” entre o objeto e a causa do desejo. Vale ressaltar que estávamos em pleno momento de concluir sobre a pertinência de dissolução dos grupos analíticos para criar a Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano. Com efeito, localizo aí um momento de passe que vai da lógica pautada no discurso do mestre à lógica do discurso analítico.

Nesse instante, brotou em mim o desejo de Escola. A causa analítica abriu para mim as portas da Orientação Lacaniana e dei início à minha experiência analítica com um analista vinculado à Escola Brasileira de Psicanálise e à Associação Mundial de Psicanálise.

Tal escolha e decisão me possibilitaram caminhar pelo desfiladeiro do inconsciente rumo ao osso de uma análise. Em outras palavras, aferir meu lugar no campo do Outro a partir da redução do sintoma, indo mais além da fantasia.

Em síntese, nesse percurso de mais de 25 anos, aprendi que uma Escola de Psicanálise não é uma suplência do Outro que não existe. Com efeito, uma Escola orientada pelo discurso analítico é um lugar onde é possível estabelecer um laço de trabalho para sustentar e suportar a inexistência do Outro.

- **ENTREVISTANTOS: Cite um texto de Freud ou de Lacan que teve um marcante "efeito de formação" para você. Poderia indicar um parágrafo em especial, e como ele provocou tal efeito?**

ALBERTO MURTA “(...), a resposta à pergunta de como se explica a irregularidade de sucesso de nossa terapia analítica, poderia facilmente ser o caso de que, em nosso intuito de substituir os recalques permeáveis por domínios confiáveis, condizentes com o Eu, nem sempre eles são atingidos em toda a sua plenitude, ou seja, não são atingidos em profundidade.

(...). O fator quantitativo da força pulsional no passado teria se oposto ao anseio de defesa do Eu; por isso, buscamos auxílio no trabalho analítico, e agora esse mesmo fator coloca limites na eficácia desse novo esforço. No caso de uma força pulsional excessivamente grande, o Eu amadurecido e apoiado pela análise não consegue realizar a tarefa, de modo semelhante ao que acontecia anteriormente com o Eu desamparado; o domínio da pulsão melhora, mas permanece imperfeito, porque a transformação do mecanismo de defesa é apenas incompleta.”

(Freud, S. (1939/2017). A análise finito e infinito. In: *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 331-333)

Na nossa prática, é desejável conviver ou mesmo confrontar com os restos sintomáticos. Freud, nessa citação de logo acima, sinaliza que a pulsão ou que os resíduos *pulsionais* enquanto fatores quantitativos não podem ser domados, não podem ser tocados. Eles continuarão a serem resíduos, restos. Sendo assim, parece-me oportuno a indicação lacaniana na qual no *sinthoma* sempre existirá uma face incurável, não domada pela experiência de uma análise. Nos termos freudianos, podemos ler esse incurável enquanto intocável. No fundo, esses restos contribuíram muito para a minha formação analítica. Estou convicto de que essas versões, tanto de Freud quanto de Lacan, são cruciais para uma experiência de fim de análise.